



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

## OS TEMPOS SOMBRIOS DO SÉCULO XXI, NO CONTO “PARALELAS”, DE ALCIENE RIBEIRO

## THE DARK TIMES OF THE 21st CENTURY, IN THE STORY “PARALELAS”, BY ALCIENE RIBEIRO

Karina Torres Machado<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo tem por objetivo analisar a arquitetura narrativa do conto “Paralelas”, de Alciene Ribeiro, publicado no livro *brazil 2020*, a partir das teorias do narrador elaboradas por Jaime Ginzburg (2010) e Walter Benjamin (1994), a fim de verificar como a escritora se vale da tradição literária do conto e do passado histórico nacional para construir uma arte literária inovadora tanto na composição artesanal do texto quanto na promoção do leitor proficiente como modelo. Para isso, utilizaremos a pesquisa bibliográfica com a intenção de revisitar as teorias que engendram o gênero conto e as acepções acerca do narrador para o estudo dos elementos estruturais e composicionais do conto “Paralelas”.

**Palavras-chave:** Conto. Narrador. Alciene Ribeiro.

**Abstract:** This article aims to analyze the narrative architecture of the short story “Paralelas”, by Alciene Ribeiro, published in the book *brazil 2020*, based on the narrator's theories elaborated by Jaime Ginzburg (2010) and Walter Benjamin (1994), in order to verify how the writer uses the literary tradition of the short story and the national historical past to construct an innovative literary art both in the artisanal composition of the text and in the promotion of the proficient reader as a model. To do this, we will use bibliographical research with the intention of revisiting the theories that engender the short story genre and the meanings surrounding the narrator to study the structural and compositional elements of the short story “Paralelas”.

**Keywords:** Short story. Storyteller. Alciene Ribeiro.

### 1 Introdução

A ação de contar histórias, de narrar causos e acontecimentos fantásticos e maravilhosos, a fim de tecer uma relação de verossimilhança com a vida, acompanha a própria evolução histórica e social do homem, de forma que precisar a origem do conto é assunto que desperta interesse nas culturas de todo o mundo. Nesse sentido, examinar as transições e os modos de contar as histórias ao longo dos tempos torna-se ação instigante e que movimenta a crítica literária. Assim, se o conto é

---

<sup>1</sup> Licenciada em Letras. Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Letras da UFMS. Email: [ka\\_torresm@yahoo.com.br](mailto:ka_torresm@yahoo.com.br).

O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul – FUNDECT, junto à Universidade de Mato Grosso do Sul – UFMS, Câmpus de Três Lagoas.

# ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

indefinível, os matizes e as técnicas desenvolvidos em torno dele permitem caracterizar o sujeito que o concebeu, bem como o contexto histórico-cultural vivenciado por ele.

O conto exposto aos afrescos da fugacidade do tempo descobre e redescobre técnicas, molda-se em torno do fugaz e do permanente, amalgama-se às luzes e às sombras do humano para ser síntese viva da vida sintetizada (Cortázar, 2008). Assim, como representação artística da ação de contar, de sequenciar ações, compõe-se ao longo dos séculos pela interdiscursividade de vozes que se materializam nos arranjos reveladores das coisas do mundo, pelas diversas configurações que o conto assume para contar o que conta e do modo como decide contar.

O conto, como verso e reverso das técnicas e dos significados externalizados por ele, sintetiza as catástrofes que permeiam a contemporaneidade pela função que o narrador adquire ao confrontar tempos e espaços pretéritos e presentes. No conto em análise, “Paralelas”, de Alciene Ribeiro, 2020, a observação da figura do narrador e da forma fragmentária de que se utiliza para narrar é responsável pelo embate com a realidade, que aproxima leitor e autor das dissonâncias do tempo e dos espaços múltiplos que reverberam diante da ação narrada, a fim de constituir um quadro hiper-realista da contemporaneidade.

Assim, o objetivo deste artigo é o de analisar como a escritora mineira, Alciene Ribeiro, no conto “Paralelas”, do livro *brazil 2020*, revisita a tradição do gênero para construir uma narrativa que mescla a linguagem cinematográfica, jornalística e literária a um discurso imbuído de vozes e conteúdos submersos para evidenciar fatos pretéritos que continuam presentes.

## **2 O Indivisível do humano: o texto literário e a arte de narrar**

A ação de narrar, de contar histórias é intrínseca à existência humana e está arraigada a sua anatomia biológica, histórica, jurídica, religiosa e familiar. Assim, o ser humano, em seus diversos planos existenciais, configura-se como sujeito narratológico, visto que utiliza-se da narratividade a todo momento. A palavra como entidade significada do indivíduo encontra no texto narrativo a força expressiva capaz de humanizá-lo pelas relações tecidas e elucidativas, que permeiam suas páginas.

Dessa maneira, o texto narrativo literário

caracteriza-se fundamentalmente pelo seu ‘radical de apresentação’ – um narrador, explicitamente individuado ou reduzido ao ‘grau zero’ de individualização, funciona em todos os textos narrativos como a instância enunciativa que conta uma ‘história’ e por relatar uma sequência de eventos ficcionais, originados ou sofridos por agentes

# ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

ficcionais, antropomórficos ou não, individuais ou coletivos, situando-se tais eventos e tais agentes no espaço de um mundo possível. (AGUIAR E SILVA, 1982, p. 567).

A força caleidoscópica da palavra de se ajustar a contextos, significados e nuances distintas permitiu ao ato de narrar desmembrar-se em formas diferentes para contar a mesma história. Essa flexibilidade propiciou aos textos literários serem dotados de uma voz enunciativa, responsável por narrar, fazer intromissões, elipses e manipular o efeito discursivo a seu bel prazer. Além disso, como ressalta Platão, em seus estudos sobre a *mimesis* e a *diegesis*, o texto narrativo “pressupõe sempre uma instância doadora do discurso” (AGUIAR E SILVA, 1982, p. 663), que de acordo com as características intencionais e discursivas podem apresentar personas diversas.

Tais observações resultaram em diversos estudos acerca dessa entidade enunciativa, como a perspectiva centrada na focalização externa, interna e onisciente; no foco narrativo heterodiegético, autodiegético e homodiegético; e no ponto de vista objetivo e subjetivo. A esse respeito, Anatol Rosenfeld, ao tratar do romance moderno, discorre que ele “nasceu no momento em que Proust, Joyce, Gide, Faulkner começaram a desfazer a ordem cronológica, fundindo passado, presente e futuro.” (ROSENFELD, 1996, p. 80) e, complementa mencionando que

a dificuldade que boa parte do público encontra em adaptar-se a esse tipo de pintura ou romance decorre da circunstância de a arte moderna negar o compromisso com esse mundo empírico das ‘aparências’, isto é, com o mundo temporal e espacial posto como real e absoluto pelo realismo tradicional e pelo senso comum (ROSENFELD, 1996, p. 81).

Na narrativa contemporânea a voz enunciativa se omite, “lançando-se, junto com o mundo exterior, no fluxo de consciência caótica da personagem” (ROSENFELD, 1996, p. 93) e, diante da integralidade perdida do mundo, as perspectivas narrativas deflagram os sintomas das “transformações ameaçadoras” que caracterizam a sociedade contemporânea.

O narrador contemporâneo, como afirma Jaime Ginzburg (2012) é aquele que pode

muitas vezes remeter a segmentos sociais tratados como minorias ou excluídos. A construção estética não mimética seria importante, nessa perspectiva, por atuar dentro do campo dos conflitos históricos. Obras literárias podem corresponder a intervenções de resistência, na medida em que constituem interpretações da História a partir de lugares de enunciação diferentes dos que estão estabelecidos como aceitáveis pelas instituições de controle social. (GINZBURG, 2012, p. 212).

Essa postura de romper com as estruturas tradicionais, de inserir críticas aos enclausuramentos sociais, de aproximar o escrito com a indústria cultural, de desmontar a ideia de unidade está “vincula,

# ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

de diferentes modos, com o problema geral da avaliação da relevância da literatura contemporânea” (GINZBURG, 2012, p. 213).

Tal relevância “consola, acalma, pois aciona nossos registros mais obscuros” (PETIT, 2010, p. 114), visto que “a elaboração estética contida nos textos tranquiliza: o tempo é ordenado, os acontecimentos contingentes ganham sentido em uma história vista em perspectiva” (PETIT, 2010, p. 114-115) é como se diante da ordem secreta revelada pelo texto o caos pudesse ser desfeito. Méritos do narrador pós-moderno que, como menciona Silviano Santiago,

Transmite uma ‘sabedoria’ que é decorrente da observação de uma vivência alheia a ele, visto que a ação que narra já foi tecida na substância viva da sua existência. Nesse sentido, ele é o puro ficcionista, pois tem de dar ‘autenticidade’ a uma ação que, por não ter o respaldo da vivência, estaria desprovida de autenticidade. Essa advém da verossimilhança, que é produto da lógica interna do relato. O narrador pós-moderno sabe que o ‘real’ e o ‘autêntico’ são construções da linguagem. (SANTIAGO, 2002, p. 46).

Diante disso, “a descoberta e a elaboração da fragilidade são cruciais”, pois “é a fragilidade, e não a consumação de uma plenitude ou a superação de limites, que se apresenta como base da necessidade de um discurso narrativo.” (GINZBURG, p. 210). Tal discurso se engendra, no conto em análise, na passagem de um foco narrativo a outro – pela mudança da grafia em itálico – o conteúdo literário e artístico responsável por incitar a reflexão e a crítica para que o caos não perdure.

Desse modo,

se por um lado, somos obrigados a reconhecer que todo texto é político, como dizia Eagleton (1994, p. 1-17), por outro, cada leitor continua interpretando-o a partir de seus preconceitos e valores - como já lembrava Sartre. [...] Com isso se quer dizer que o narrador, e também o leitor, da literatura contemporânea não são sujeitos comprometidos apenas com a matéria narrada [...] ou seja, o leitor, refletido no narrador, torna-se personagem de uma discussão – que, sem dúvida, será tão mais rica quanto mais consciente de si, de seus valores e seus preconceitos, for esse leitor. (DALCASTAGNÉ, p. 76-77).

Assim,

O momento antirrealista do [conto], sua dimensão metafísica, amadurece em si mesmo pelo seu objeto real, uma sociedade em que os homens estão apartados uns dos outros e de si mesmos. Na transcendência estética reflete-se o desencantamento do mundo (ADORNO, 2003, p. 58).

# ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

E é desse paralelo entre (des)encantamento, (des)conhecimento de si, do outro e do mundo que as relações individuais e coletivas se fortalecem no conto pelos encontros propiciados pelo texto e preconizados pelo narrador.

O conto “Paralelas” foi publicado no livro *brazil 2020*, pela Editora Pangeia, e ao lado de outros sete contos, escritos por Alciene Ribeiro e Rauer, traça um quadro da sociedade brasileira em tempos pandêmicos. “Paralelas” é o segundo conto do livro e, assim como os demais, instiga o leitor pelo trabalho com a palavra, pela linguagem alusiva, enigmática, fragmentária, sequenciada por silenciamentos, que articulam as linhas de força submersas no texto para criar uma fotografia realista da sociedade brasileira contemporânea.

No conto, a força nominativa dos substantivos escolhidos manipula a diegese, sendo responsável por transfigurar os acontecimentos pretéritos como causa e consequência dos momentos atuais. No texto em análise, a figura do narrador chama a atenção pela forma como movimentava fatos pretéritos para romper e ampliar o olhar do leitor para situações cotidianas e presentes, a fim de deflagrar, distanciar e aproximar situações políticas vividas e ainda vivificadas no quadro social brasileiro.

A escritora mineira, distancia-se da ideia tradicional de representação para lançar novas tendências narrativas, utilizando para isso o arcabouço literário do conto para (re)construir sua carpintaria literária e, pela negatividade, dissocia a “reificação do mercado e das ilusões tradicionais de unidade social e estética” (GINZBURG, 2010, p. 216), escolhe “pontos de vista improváveis e vozes dissociativas” (GINZBURG, 2010, p.217) para firmar sua voz narrativa.

O conto “Paralelas”, por meio de uma escrita labiríntica, surpreende e convida o leitor a imergir nas entrelinhas do escrito para desvendar a narrativa submersa, que subjaz a aparência externa da página. A escrita, carregada de elipses, cria cenas que, a contrapelo das narrativas tradicionais, descentralizam os elementos da diegese para instaurar uma nova ordem: dos acontecimentos pretéritos que se presentificam no *brazil 2020*.

A leitura do conto exige um leitor compromissado (Dalcastagnè, 2012), visto que o narrador tem a intenção de acordar os sentidos, de desvelar o olhar, pois ao se envolver na diegese se compromete e, conseqüentemente, incita o leitor a uma coparticipação ativa do narrado. A esse respeito Regina Dalcastagnè (2012) menciona que “não há como dialogar com o mundo sem desconfiança, nem, tampouco, ter a pretensão de imparcialidade” (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 76),

# ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

fato que interliga a exemplaridade do narrado (BENJAMIM, 1994) às formas de narrar contemporâneas.

Essas relações são percebidas no título do conto. O vocábulo “Paralelas” se articula como parte do texto e forma junto com o cotexto uma unidade narrativa, funcionando como chave interpretativa da história enredada. Assim, o título “Paralelas” abre e define a plêiade de significado, que, como uma aporia, explicita a cosmovisão que delineará o conto ao amalgamar e surpreender o leitor pela exposição de fatos passados como sinônimos do presente.

A oposição dicotômica verso e reverso, instaura-se além da história aparente e circunscreve-se na relação espaço-temporal do conto, uma vez que os acontecimentos pretéritos da história nacional são trazidos à cena como manchetes televisas: “Um Estado Novo envelheceu, revoluções pipocaram – direita e esquerda” (RIBEIRO, 2020, p. 7). A estrutura jornalística do texto traduz a velocidade comunicativa característica do século XXI, ao mesmo tempo que fossiliza a crítica em relação à efemeridade do tempo e o imediatismo alienado de seus telespectadores.

Desta forma, a narração linear e ordenada dos fatos teorizada por Wayne Booth, Norman Friedman, Jean Pouillon cede espaço para a fragmentação dos fatos narrados e caracteriza a descentralização da posição do narrador, visto que a “interpretação do passado depende de um olhar que consiga confrontar as ruínas da violência histórica.” (GINZBURG, 2012, p. 203).

O narrador, ao transitar pela história social e política do país, recolhe da poética de restos (Vecchi, 2010) as catástrofes históricas como pílulas que emanam o passado e suscitam novas leituras sobre o presente. Nesse sentido, a análise do conto de Alciene requer uma observação atenta à figura do narrador que, diante de tempo e espaço definidos, interpreta “o país a partir de horizontes historicamente condenados à mudez.” (GINZBURG, 2012, p. 203).

Nessa questão, o conto converte-se, novamente, em espaço de depuração das camadas significativas da arquitetura textual construída pela narradora, para intensificar a antítese verso x reverso, uma vez que se utiliza de metonímias de indivíduos e da personificação de fatos nacionais para ecoar e ressoar a voz da pátria, que, por sua vez, encontra-se silenciada e enclausurada pela falácia comunicativa de seus habitantes. Mais uma vez, a reverberação antitética é explorada no texto, a fim de resgatar o mutismo social pelo grito, pelo retumbar das falácias, do caos que o constitui. A polissemia de tais aspectos linguísticos coaduna a discussão acerca do real e da realidade como incitação ao debate permanente de tais fatos.

# ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

A leitura do conto movimenta o conhecimento histórico, político do país, apresentados a cada novo parágrafo por meio de imagens, flashes descritivos, informativos e históricos do país, que pela exploração dos substantivos, tanto nomeiam o ontem quanto metaforizam o hoje. As camadas de leitura construídas possibilitam um movimento crítico, estabelecido entre autor e leitor, das percepções da personagem central: o Brasil.

O leitor está diante de um espaço e de um tempo de tensão e instabilidade, tecido pelo narrador a partir da manutenção do estatuto de verdade da matéria factual narrada, que ordena os fatos narrados como forma de ampliar a focalização do leitor para a veracidade do real. A ambiguidade criada entre a realidade e o real dos fatos narrados e vividos desperta no leitor o interesse de desvendar a instabilidade percebida e a vertigem sentida. Artíficos desse narrador contemporâneo que, ao convidar o leitor a tomar partido, exhibe o humano. (Dalcastagnè, 2012).

Essa descentralização proposta na diegese de “Paralelas” é resultado do descentramento do sujeito pós-moderno que se desintegra

num fluxo de euforia intensa, fragmentada e desconexa, e que o eu pós-moderno descentrado já não sente ansiedade [...] e já não possui a profundidade, a substancialidade e a coerência que eram os ideais e às vezes a realização do eu moderno (KELLNER, 2001, p. 298).

A percepção que salienta a dicotomia mudez x comunicação também é percebida pela exploração dos vocábulos do conto: “vagidos”, “soluços”, “brado”, “retumbou”, “alardes”, “choro”, “ecoaram”, e no refrão “- Aguenta, coração.” (RIBEIRO, 2020, p. 8).

Para o narrador a mudez representa a carência de conhecimentos históricos e políticos nacionais que incitam a desinformação que, por sua vez, impedem novas posturas. Tais ações evidenciam o envolvimento do narrador com a situação narrada e assinalam a intencionalidade que possui de amalgamar o leitor na trama criada, exigindo desse uma postura compromissada para “dar conta do que apareceu como problemático ontem [...] e que aparece ainda mais problemático hoje” (SANTIAGO, 2002, p. 47).

A escritora, “buscando romper a incomunicabilidade da experiência entre gerações diferentes” (SANTIAGO, 2002, p. 54), busca organizar o passado, a partir da representação simultânea de tempos e espaços que se sobrepõem, de atos inconclusos que necessitam de novas perspectivas e reformulações, como forma de dar sentido ao presente. O narrador, nesse sentido, torna-se a entidade, que, junto com leitor, tem a missão de costurar os fragmentos e colar as estruturas observadas dentro

# ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

da circularidade narrativa, para arquitetar um novo retrato da matéria vista, instaurada pelo sentido, pelo olhar e pelo conhecimento.

O primeiro parágrafo do conto, “Nem rosa nem azul, oliva acalentou vagidos republicanos” (RIBEIRO, 2020, p. 7), reforça a estrutura circular e a revisitação à teoria do epílogo, postulada por Edgar Allan Poe, para quem

só tendo o epílogo constantemente em vista, poderemos dar a um enredo seu aspecto indispensável de consequência, ou causalidade, fazendo com que os incidentes e, especialmente, o tom da obra tendam para o desenvolvimento de sua intenção (POE, 2000, p. 6).

Ao utilizar o primeiro parágrafo anunciando o desfecho do conto, a escritora reforça a ideia dos lamentos vividos e reiterados pela política brasileira: “O luto pandêmico se incrusta na psique coletiva... e o futuro acena do deserto amazônico: - *Aguenta coração*” (RIBEIRO, 2020, p. 7). E, junto ao epílogo, encontra-se a exploração da organização singular do texto, a orquestração das características provenientes de outras épocas e a linguagem matematicamente pensada para provocar no leitor o *pathos* desejado que reiteram, diante do conto de enredo concebido, os vagidos desse povo que se diz heroico e exibem o caráter circular do narrado.

A participação, prevista, do leitor como modelo (ECO, 2012) suscita a visão híbrida do fato narrado – enredo e atmosfera – uma vez que, assim como Machado de Assis, Alciene Ribeiro transpõe a visão realista para investigar a alma da sociedade brasileira, a fim de revelar o caos da condição humana instaurado como jogo especular, histórico e ainda vivido pelos indivíduos na contemporaneidade.

A leitura do conto “Paralelas” evoca também a atmosfera tecida por Anton Tchekhov no conto “O Acontecimento”, por colocar o leitor diante do enigmático dos fatos que se diluem no discurso narrativo, contrastando tempos pretéritos e presentes para exibir a fluidez natural dos acontecimentos como verso e reverso de si mesmos. Assim, mesmo diante dos “vagidos que se fizeram soluços rouquinhos” (RIBEIRO, 2020, p. 7), o drama não se instaura, pois a sequenciação dos acontecimentos na diegese funciona como uma poética dos restos, onde “o resgate das contra-memórias mais marginalizadas ou singulares de experiências coletivas traumáticas reside à amnésia do mundo da técnica” (VECCHI, 2010, p. 122).

O vocabulário culto, conciso, enxuto e sinestésico, juntamente com a repetição de vocábulos exprimem a potência discursiva da escritora, que capta do mundano cores, nuances, texturas, afrescos

# ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

para pintar a realidade e impressionar pelas significações provenientes das camadas implícitas do texto.

Um Estado Novo envelheceu, revoluções pipocaram – direita e esquerda. O brado do povo heroico retumbou no Monte Castelo, tomado pela Força Expedicionária Brasileira, na II Guerra Mundial. Uma ou outra divisa no ombro jurou fidelidade à Constituição. (RIBEIRO, 2020, p. 7).

Como em Ernest Hemingway, a teoria do *iceberg* se faz presente no conto “Paralelas” pela forma como a autora constrói a trama conduzida pelos subentendidos, pelas imagens que iluminam momentos e instauram sensações, que destacam a plasticidade do texto, e, pela verossimilhança, explicitam os fatos históricos nacionais.

Para Hemingway “o objetivo diante do leitor é o de lhe transmitir uma coisa inteiramente nova, mais real do que qualquer coisa viva e real” (HEMINGWAY, 1988, p. 70), para isso o autor complementa dizendo que, “se é que isso pode ter algum interesse, sempre escrevo seguindo o princípio do *iceberg*. Só se vê um oitavo, os outros sete estão debaixo d’água. Tudo o que você sabe e pode eliminar só fortalece o *iceberg*. É a parte que não aparece” (HEMINGWAY, 1988, p. 67).

No conto em análise, o jogo narrativo tecido pelo *iceberg* cria imagens que flutuam na enunciação e direcionam o leitor à ação de acompanhar a trajetória histórica e social do país, para observar como o externo revela o interno. Nesse movimento contrastivo, emergem alusões que iluminam as cenas submersas oriundas do garimpo lexical da escritora em captar no instante cenas representativas do todo, exibindo as histórias paralelas pretéritas que continuam constituindo o hoje.

Saias de godê abaixo do joelho – regalo da juventude dois pra lá, dois prá cá. Favoritas da Marinha e da Aeronáutica, as cantoras Emilinha Borba e Marlene, reinaram nos ingênuos auditórios da Era do Rádio. Dóris Monteiro, Rainha dos Cadetes, reinou sobre o charme de jovens súditos em uniforme de gala. (RIBEIRO, 2020, p. 7).

Assim, a apreensão do *iceberg* é resultado da arquitetura composicional da escritora que, ao revisitar a teoria do conto literário, faz surgir a “qualidade opaca de seus textos, uma opacidade que transparece com nitidez nos contos, se relaciona à metáfora do iceberg.” (NAZARIO, 1988, p. 20) e, exposta ao leitor, permite que ele rastreie o texto “mediante uma leitura cuidadosa” (NAZARIO, 1988, p. 20) para preencher os espaços por meio de sua interpretação.

# ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

Diante do exposto, o engenho da escritora em mesclar e romper estruturas, em aproximar e questionar acontecimentos passados são formas de inventar e nomear o agora. O desejo de rememorar a vida diante da morte é conquistado pela figura do narrador que faz o leitor revisitar a condição do texto literário pela inserção de aspectos teóricos concebidos por Edgar Allan Poe, por Anton Tchekhov, por Ernest Hemingway e o choc, pela sequenciação de caracterizações pontuais que exploram e evidenciam o tempo presente

Um respiro à paisana, aos haustos do refrão – Diretas, já!  
E o desandar na democrática Era Digital – no diz e desdiz do cotidiano, patentes desertam das Bases e ocupam tribunas.  
O luto pandêmico se incrusta na psique coletiva... e o futuro acena do deserto amazônico:  
- Aguenta, coração! (RIBEIRO, 2020, p. 8).

A esse respeito, Jaime Ginzburg (2012), no artigo “O narrador na literatura brasileira contemporânea”, argumenta que “com maior ou menor reconhecimento pela crítica jornalística e acadêmica, algumas obras têm exigido novas perspectivas de análise e interpretação” (2012, p. 199), sendo comum

encontrar na narrativa brasileira contemporânea a constituição de imagens da vida humana pautadas pela negatividade, em que as limitações e as dificuldades de personagens prevalecem com relação à possibilidade de controlar a própria existência e determinar seu sentido (GINZBURG, 2012, p. 200).

Essas considerações explicitam a função do narrador e as singularidades características do conto na contemporaneidade. A leitura de “Paralelas” permite compreender tais questões, uma vez que a sequência linear dos fatos narrados cede espaço para a fragmentação das sensações, que revelam a visão deformada e subjetiva do tempo presente, provocadas pela multiplicidade das imagens trazidas à cena que, fundidas às frases curtas, às intromissões do narrador e à seleção vocabular concisa, elíptica e sugestiva, ressoam o ser humano moderno, reduzido, distorcido e deformado.

Esse mundo desconfigurado é disposto no conto pela figura do narrador que aglutina à sua voz uma pluralidade de vozes, responsáveis por eliminar a objetividade e a linearidade do discurso e, pelo movimento de ir e vir instaurados, propiciam a reflexão de como compreender o passado para criar memórias diante de tempos catastróficos.

A figura do narrador diante dos tempos sombrios anunciados é a de “interpretar o país a partir de horizontes historicamente condenados à mudez” (GINZBURG, 2012, 203). Tal ação no conto é

# ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

reverberada pela linguagem jornalística utilizada pela autora, responsável por reafirmar a função de telespectadores dos indivíduos, que adquirem figuratização dupla ao serem colocados como leitores e, ao mesmo tempo, espectadores da massificação das informações veiculadas pelos diversos suportes de comunicação, resgatadas pela diegese: “Uma ou outra divisa no ombro jurou fidelidade à Constituição. Do Oiapoque ao Chuí ecoaram choro e ranger de dentes na Pátria Mãe Gentil. O luto pandêmico se incrusta na psique coletiva. (RIBEIRO, 2020, p. 7-8).

A linguagem jornalística exibe em manchetes as ruínas históricas do país, como forma de convite para observar, pelo choque, os tempos e os espaços feitos e desfeitos da existência contemporânea. Como afirma Ginzburg (2012, p. 203) é “nas conexões textuais entre formas e temas que as mudanças se tornam visíveis”, jogo bastante explorado por Alciene Ribeiro, que revisita técnicas e as atrela ao experimentalismo, para promover e atualizar os elementos embrionários do gênero conto, a fim de denotar a literariedade artística que engendra sua arte literária e o caráter indefinível do gênero conto.

O silenciamento promovido pelo ritmo, pela pontuação, pela sintaxe do conto atinge o leitor como em uma cena fílmica, visto que som e imagem propagam cargas simbólicas para o universo diegético narrado e anunciam outras configurações de mudez da sociedade brasileira. Assim, o conto torna-se espetacular, teatral, mimético ao descortinar fragmentos de como a política e a cultura sempre estiveram juntas no cenário brasileiro para emudecer a sociedade civil.

O conto “Paralelas”, ao abordar os condicionantes culturais sob uma nova configuração, ressignifica o gênero na própria representação do tempo e realça a “pura forma, puro conteúdo, pura ressonância” (GIARDINELLI, 2012, p. 23) que caracteriza o gênero. Ressalta, dessa maneira, o caráter mutável e fluido do gênero que

como bien ha señalado el maestro Edmundo Valadés, aunque de improbable definición el cuento tiene una cantidad de reglas que si no definen, ni delimitan ni sujetan, al menos permiten identificarlo. Y no es solo su brevedad, su necesaria concisión, ni mucho menos su variedad temática lo que lo identifica (GIRARDINELLI, p. 22).

A instabilidade narrativa, construída pelo narrador, manipula o interesse do leitor em decifrar, em fazer submergir dos vocábulos, a potência significativa escondida e encontrar em seus movimentos e em suas posições os planos narrativos, as histórias contadas. O escritor e crítico literário Ricardo Piglia, a esse respeito argumenta no ensaio *Teses sobre o conto*, de 2014, que

# ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

um conto sempre narra duas histórias, uma aparente e outra secreta. A arte de construir um bom conto reside em contar as duas histórias simultaneamente, como se fossem uma só, de forma que o desfecho da narrativa seja a revelação ‘que nos permite ver, sob a superfície opaca da vida, uma verdade secreta’” (PIGLIA, 2004).

A leitura do conto “Paralelas”, no entanto, traz novas formas de narrar um conto, ao ingressar o leitor em três histórias, em que duas são aparentes e do entrecruzamento delas surge a terceira história. A primeira história narra os vagidos históricos nacionais como verso e reverso das ações presentes. A segunda é marcada pela intromissão do narrador diante dos acontecimentos suscitados pelas cenas, pela articulação dos elementos estruturais da narrativa e pela ambiguidade sugestiva dos termos colocados em *itálico* que expõem a inadequação dos fatos narrados, bem como a mudança de foco narrativo. Esses elementos orquestrados pela focalização narrativa interligam as lacunas da primeira história à explicitação da terceira, e ressaltam a relação endêmica promovida pelo paralelismo entre história e política na sociedade brasileira.

Assim, os atos paralelos desvelam o silenciamento e o jogo ilusionista encenado, que manipula e apazigua a população diante das mazelas sociais que a caracteriza. Dessa forma, as perspectivas do caos, da angústia, da dor, dos tempos sombrios, são escancaradas e a distância focal é sentida pelo leitor, que de telespectador passa a protagonista do discurso narrativo.

Das imagens em preto e branco apresentadas pela primeira história, instaura-se uma cartela de cores que quebra o monocromatismo e amplia o foco do leitor, expandindo a profundidade da percepção da diegese. O leitor-modelo de que discorre Umberto Eco (1994) é mais uma das destrezas narrativas elaboradas pelo narrador para criar planos em que as linhas de força se fundem como simultaneidade temporal (ROSENDEFD, 1996).

A escritora Alciene Ribeiro, nas trilhas de Edgar Allan Poe, confere ao leitor a função de detetive dos fatos narrados, a fim de que ele possa encontrar a exemplaridade da vida a partir da inteligência de alguém que narra e domina a trama narrada. Moderna, a escritora está interessada em colocar o leitor como interessado, como participante da construção significativa do conto e, para isso, manipula a matéria da atualidade contemporânea, que o surpreende ao valorizar o conhecimento como forma de transpor o inacessível, o incommunicável.

Nesse sentido, a focalização descontínua concebida pelo narrador exprime novas perspectivas para “atuar dentro do campo dos conflitos históricos” (GINZBURG, 2012, p. 212), estando “articulada com problemas específicos da contemporaneidade” (GINZBURG, 2012, p. 212). Posturas

# ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

que resultam num hibridismo do gênero, responsável por exprimir as transformações histórias e os valores da indústria cultural como forma de veicular novos meios de circulação e produção literária.

O estudo do conto “Paralelas” reforça a discussão de que o hibridismo de gênero, presente em muitos autores contemporâneos, representa a maneira moderna da literatura, como arte da palavra e imbuída da função humanizadora que a constitui, de empreender e dar vazão a novos lugares de enunciação, partindo da tradição moderna do conto para refletir “o nacionalismo como valor e como projeto estético; a concepção de obra como totalidade; a mistificação do Brasil como unidade de espaço e de tempo” (GINZBURG, 2012, p. 215), isto é, os processos que governam a constituição do indivíduo contemporâneo.

No conto analisado, o título funciona como metonímia desse *brazil 2020*, minúsculo, reduzido à virulência que o acomete e o cerceia. As cenas pretéritas e presentes compõem o quadro da estagnação, da passividade, do enclausuramento social frente ao discurso político e cultural que silencia as individualidades. Assim, os vocábulos alusivos criam imagens metafóricas da nação que propiciam um movimento turbilhante, a fim de que o pulsar da vida seja mais transformador e reflexivo como veremos adiante.

### **3 “Paralelas”: da informação á formação**

A faculdade de narrar histórias está amalgamada à ação de intercambiar experiências do narrador e, em torno dessa figura, Walter Benjamin (1994) discorre, no artigo intitulado “O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”, sobre a presença ameaçada pela informação de dois tipos de narradores: o gregário e o viajante. Partimos, para a análise que faremos do conto “Paralelas” da definição tecida por Walter Benjamin, para exibir como a escritora utiliza-se da informação, característica atroz da sociedade contemporânea, para resgatar o “lado épico da verdade” e promover o conhecimento e a busca da explicação dos eventos narrados para uma postura menos subserviente do humano.

O ensaísta e crítico literário Walter Benjamin inicia seu ensaio afirmando que a arte de narrar está em vias de extinção, porque o indivíduo contemporâneo está, aos poucos e massivamente, privando-se da faculdade de intercambiar experiências” (BENJAMIN, 1994, p. 198). Tal faculdade foi concebida por dois modos de narrar: o gregário, centrado na figura do camponês, do agricultor, que ao ganhar a vida honestamente e no mesmo lugar narra oralmente fatos e causos a

# ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

fim de sobreviver; e o do viajante, do marinheiro, que ao vir de longe, conhecer e dominar rotas, tem muitas histórias para contar.

Esses dois modelos de narradores atrelam-se a função utilitária das narrativas, que veem na figura do narrador o senso prático de “um homem que sabe dar conselhos” (BENJAMIN, 1994, p. 200). No entanto, o texto literário diferencia-se dos demais por trazer, além da utilidade do fato, a depuração do efeito único, do ritmo impresso nas linhas e nas entrelinhas do narrado, da seleção vocabular e da cosmovisão do autor, a fim de compartilhar o narrado com um leitor proficiente que desvende as camadas ocultas veiculadas e, assim, alcança a essência da vida, a ampliação da informação e forma-se enquanto sujeito. Todavia, a batalha épica que o texto literário tem que transpor é romper a postura de ouvinte do leitor, que no século XIX, com o advento da informação de massa, definiu a capacidade investigativa, fabulativa e simbólica dos leitores, ao colocá-los como receptáculos da informação recebida. A esse respeito, Walter Benjamin (1994) argumenta que: “na realidade, esse processo, que expulsa gradualmente a narrativa da esfera do discurso vivo e ao mesmo tempo dá uma nova beleza ao que está desaparecendo, tem se desenvolvido concomitantemente com toda uma evolução secular de forças produtivas.” (BENJAMIN, 1994, p. 201).

A escritora Alciene Ribeiro, no conto em análise, parte do reverso – da informação – para construir o verso – a formação – e assim propõe uma leitura que revisita as origens da tradição narrativa e as adequa aos preceitos contemporâneos – fragmentação, concisão – para tecer novas formas da arquitetura textual e da arte literária.

O título do conto “Paralelas” anuncia a dubiedade narrada ao se referir à palavra “paralelas” como “duas ou mais coisas que caminham a par ou progridem na mesma proporção” (AURÉLIO, 2020) ou como o “confronto das qualidades físicas e morais de dois ou mais indivíduos” (AURÉLIO, 2020). Essas acepções são, ao longo do texto, reafirmadas pelos fatos históricos citados na diegese que, como paralelos, trazem duas histórias: a do ontem rememorada pelos fatos históricos e a do hoje construída pela similitude das ações descritas, que, como forças que se estendem, cruzam-se na enunciação do narrador, a fim de expor o passado e sugerir o hoje para a ampliação da postura do leitor.

Dessa maneira, o tom do conto proclama que contará uma história que se quer parecida ou semelhante com outra, como faces do mesmo ato. Assim, ao exibir informações lacunares do passado, a narrativa se edifica como uma crônica contística da sociedade contemporânea por sugerir a continuação de uma história que já está em curso e da qual o desfecho depende da postura ativa do

# ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

leitor, tanto para desvendar a informação trazida quanto para mediar a reflexão sobre o conhecimento adquirido.

Nesse viés, o primeiro parágrafo, assim como os demais, reforça o tom dicotômico impresso na narrativa e a função do narrador de resgatar, de rememorar fatos históricos direciona os conhecimentos vindos de longe com a intenção de imprimir novos cursos para a história contada.

“Nem rosa nem azul, oliva acalentou vagidos republicanos” (RIBEIRO, 2020, p. 7), a linguagem do conto, do primeiro ao último parágrafo, configura-se como lacunar, evasiva, concisa e fragmentar. Entretanto essas características despertam no leitor a postura investigativa, do narrador viajante de Benjamin, motivado a buscar novas rotas para conhecer a narrativa cifrada na história. A sugestão do parágrafo propicia à procura por respostas nas gavetas da história social e cultural da sociedade brasileira para desvendar novos caminhos para a compreensão do hoje. Nos 7/8 do iceberg submersos, a exploração dos vocábulos revela a crítica à normatização, à sociedade heteropatriarcal, aos condicionamentos e aos papéis sociais, à falta de decoro, de lealdade e de desonra dos governos que se utilizam da indumentária nacionalista para reafirmar as patentes ideológicas burguesas. A expressão “vagidos republicados” reitera o título ao salientar a dicotomia aparência x essência que incide nas ideologias políticas do país. O apeço pelo substantivo marca um aspecto da literariedade de Alciene Ribeiro, que preconiza na força das nomeações a elucidação da cosmovisão que almeja em seus textos.

O segundo parágrafo “Vagidos que fizeram soluços rouquinhos na gripe *espanhola* - originária dos Estados Unidos.” (p. 7) reforça a expressão do choro dos integrantes dessa falsa República, como vozes abafadas, enclausuradas que assistiram e assistem aos acontecimentos mundanos pretéritos e presentes pacificamente, sendo telespectadores das informações transmitidas e incapazes de engendrarem novas leituras.

A relação espaço-temporal descrita no título do livro *brazil 2020* concatena e define o tom das histórias aparentes e cifradas que o conto irá mostrar, a fim de que o leitor seja capaz de trilhar uma terceira história, constituída do cruzamento das duas primeiras, porém com caminhos divergentes. Tal relação é percebida e atualizada pela comparação paralelística entre a “gripe espanhola” e a pandemia da SARS-Covid-19, que inicia e fecha o conto.

Assim, o leitor é conduzido pelo ritmo do conto que, pela alternância entre ontem e hoje, o conduz a desvendar o passado para conhecer a história atual, sugerida pelo narrador. O leitor, coparticipante do narrado e detentor do jogo enunciativo criado pelo narrador, terá que percorrer a

# ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

direção contrária da qual está habituado - partir da informação para alcançar o saber - uma vez que a informação vem sugerida e requer olhares e ouvidos investigativos para a compreensão da substância narrada.

Desse fato, decorre a contribuição artística da produção literária de Alciene Ribeiro: conhecer a tradição literária e dela fazer uso para promover uma mudança conceitual de arte literária relacionada às necessidades do tempo presente e da extrema urgência em engendrar a humanização e a proficiência do leitor.

“Um Estado Novo envelheceu, revoluções pipocaram – direita e esquerda” (ALCIENE, 2020, p. 7), o leitor reveste-se do narrador viajante de Benjamin, para conhecer o narrador gregoriano e, assim, deparar-se com o nacionalismo, o anticomunismo, o autoritarismo que marcou a Era Vargas e que repercute ainda hoje na centralização do poder. A visão de que as “revoluções pipocaram” e de que nunca houve “direita e esquerda”, mas sim um Centrão que ao tudo e a todos rege, reforçam as histórias paralelas que não deveriam se cruzar, mas que se atravessam na constituição do personagem principal (Brasil) e dos secundários (população).

A remissão ao hino nacional inicia o quarto parágrafo “O brado do povo heroico retumbou no Monte Castelo, tomando pela Força Expedicionária Brasileira, na II Guerra Mundial” (RIBEIRO, 2020, p. 7) para difundir a percepção de que a mudança de rumos depende da sociedade civil. Assim como a Força Expedicionária Brasileira, desacreditada pelo governo e por seus compatriotas, combateu e saiu vencedora na II Guerra Mundial, o grito da nação em prol de justiça e equidade pode retumbar e transformar o cenário nacional, pois o brasileiro é forte, é bravo, é capaz de vencer aos desafios da Pátria mãe gentil. Nesse sentido, o narrador como um ser que compartilha as experiências traz na figura dos combatentes que serviram o Brasil na II Guerra Mundial a esperança de uma postura mais ativa, que, mesmo em meio a um cenário caótico, vislumbra novos olhares: “Um ou outra divisa no ombro jurou fidelidade à Constituição” (RIBEIRO, 2020, p. 7). Diante, do antagonismo vivido, um ou outro cidadão luta pela Pátria, empenha-se para romper todo o descrédito e desprezo que compõe a nação brasileira. E, a partir dessa visão, as duas narrativas se fundem e apresentam nos parágrafos seguintes a inanição dos cidadãos perante o autoritarismo praticado pelos governos, ao longo da história, na tentativa de centralizar as ações para manter-se seguro no poder, frente a um grupo que luta por melhores condições e tenta driblar as intempéries postas para incitar a reflexão, a ação e o questionamento.

# ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

Dos anos 50 até os dias de hoje, os jovens marcados pelo aumento do consumo, pelo sonho americano de mudanças políticas, de melhores condições de vida, embalados pelo ritmo do Roch'in'roll, dos comportamentos rebeldes e aviltados pelo entretenimento encontram na “Era do Rádio” novos ideais e padrões de vida, estabelecem o conceito de juventude, rompem o isolamento social, assumem uma postura libertária, que néscia é ofuscada pelo poder da imprensa e da mídia: “Saías de *godê* abaixo do joelho – regalo da *juventude dois pra lá, dois pra cá*” (RIBEIRO, 2020, p. 7); “*Favoritas da Marinha e da Aeronáutica*, as cantoras Emilinha Borba e Marlene, reinaram nos ingênuos auditórios da Era do Rádio.” (RIBEIRO, 2020, p. 7). Os meios de comunicação, juntamente com o entretenimento, mascaram a política transgressora, elucidados por Emilinha Borba e Marlene, celebridades que usufruíram de uma rivalidade aparente como estratégia de marketing para aumentar a popularidade, lançar tendências e instituições de força e respeito.

Nesse íterim, o conto “Paralelas” vale-se da sabedoria popular, dos acontecimentos históricos e de fatos culturais para aconselhar o leitor da história concomitante que cerceia a nação. O narrador do conto, fragmentado, conciso, elíptico, retoma os acontecimentos de longe, a fim de encontrar novos ouvintes que se atentem para a similitude do narrado com a vida presente. Alciene joga, brinca, manipula a arte de narrar ao misturar informação e narração como meio de formação do leitor, que possuído da exploração e dos desdobramentos dos acontecimentos narrados torna-se capaz de criar histórias que surpreendam. A escritora coloca a informação a serviço da narrativa e, com isso, elabora novos matizes para o fazer literário.

Dessa maneira, a autora pressupõe um leitor “livre para interpretar a história como quiser e, com isso o episódio narrado atinge uma amplitude que não existe na informação” (BENJAMIN, 1994, p. 203). Com um leitor proficiente é possível destituir tendências, controlar a manipulação e equalizar as hierarquias.

A sequência narrativa amplia o nó narrativo ao exemplificar o quanto a televisão e os meios midiáticos tiveram tanto o poder de entreter e desviar o olhar do público para as mazelas públicas, quanto foram espaços que incitaram a democracia e condições mais justas para uma vida digna: “Dóris Monteiro, Rainha dos Cadetes, reinou sobre o charme de jovens súditos de uniforme de gala.” (RIBEIRO, 2020, p. 8) e “A Jovem Guarda, de minissaia, colete e calça boca de sino, comandou a dança.” (RIBEIRO, 2020, p. 8).

Além disso, a remissão à Jovem Guarda corrobora a postura rebelde, com suas roupas extravagantes, posturas descontraídas, o ritmo frenético, as letras inocentes e frívolas em contraste

# ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

com a Bossa Nova, detentora de letras elaboradas, harmonia sofisticada e uma batida que mescla jazz e samba. As metáforas e alusões constituem outro recurso linguístico e semântico explorado pela arquitetura do texto, em que a palavra “colete” reforça que a Jovem Guarda era vista com simpatia pelo governo militar, e como alienada pelo público engajado, acusada de “comandar a dança” e afastar as discussões políticas dos primeiros anos da ditadura. Os termos “minissaia”, “calça boca de sino”, “dança” reafirmam o quanto a união da moda, do comportamento, dos meios midiáticos e da música funcionaram e funcionam como recursos alienantes de distração social.

As expressões mencionadas coadunam a cosmovisão do conto de que ao reler, decifrar os labirintos da política, do entretenimento, do comportamento do passado vislumbramos o presente, como reafirma o parágrafo: “Continências respingavam sem maiores alardes... até coturnos reboaram em palácios e camuflagem invadir porões.” (RIBEIRO, 2020, p. 8). Em meio à música ou à restrição dela, o caráter autoritário do governo nacional, ao longo dos anos, juntamente com seus centros clandestinos de tortura e da interdição da indústria cultural se consolida pela “camuflagem”, centro das ações políticas da nação. A análise dos fatos históricos como verso e reverso propicia o contato com as formas de coerção e de controle da opinião pública para dirimir movimentos de intervenção social.

Nesse sentido, o leitor envereda pela história brasileira dos anos 30, perpassa os acontecimentos que marcaram as décadas de 40 a 70, depara-se com a movimento Diretas Já, que pôs fim à Ditadura, “Um respiro à paisana, aos haustos do refrão – *Diretas, já!*” (RIBEIRO, 2020, p. 8), vivencia “o desandar na democrática Era Digital – no diz e desdiz do cotidiano” (RIBEIRO, 2020, p. 8), em que o autoritarismo continua latente, visto que “patentes desertam das Bases e ocupam tribunas” (RIBEIRO, 2020, p. 8), e, assim como propôs Edgar Allan Poe, em seu ensaio *A Filosofia da Composição* (2000), a circularidade estrutural do conto apresenta-se como a força metonímica desse Brasil, em que o autoritarismo do governo caminha paralelamente aos movimentos de luta, ofuscando-os.

A menção à música, ao avanço dos meios de comunicação, a momentos políticos e históricos, à moda, ao entretenimento, ratifica o título e sobrepõe as duas histórias mencionadas, como verso e reverso do narrado. Dessa forma, o primeiro parágrafo anuncia o desfecho do conto “O luto pandêmico se incrusta na psique coletiva... e o futuro acena do deserto amazônico – *Aguenta, coração!*” (RIBEIRO, 2020, p. 8), encerrando a circularidade paralelística dos feitos históricos, políticos e sociais que constituem o cenário desolador brasileiro e desertam a perspectiva de um futuro

# ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

diferente. No entanto, as cenas narradas funcionam como flashes sumários informativos da política nacional, que, ao serem resgatadas, exploradas e compreendidas pelo leitor-modelo (Eco, 1994), incitam a assimilação do lido com o vivido e propiciam uma nova experiência capaz de transpor os eventos narrados.

A maestria do conto consiste em revisitar a poética do gênero conto, atualizando-a através da inserção de fragmentos da história nacional, por meio da introdução de flashes do passado que repercutem no hoje, e suscitam a exploração do signo pelo caráter elíptico, lacunar, labiríntico e evasivo do texto, que, juntamente com a concisão da escrita e a brevidade, convidam o leitor a adentrar as entrelinhas do texto e examinar a força dos substantivos para construir a terceira história. Como menciona Walter Benjamin (1994, p. 205) “[c]ontar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo”, Alciene Ribeiro, no conto em estudo, a contrapelo, provoca o leitor a deixar sua condição de telespectador, de ouvinte, para ser protagonista da história lida, fiando e tecendo junto com o narrador a formação da consciência histórica, social e pessoal em prol de uma humanização pelo texto literário.

Além disso, a escritora retoma a definição de Walter Benjamin de que o texto literário narrativo é uma composição artesanal de comunicação, uma vez que “ela não está interessada em transmitir o ‘puro em si’ da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele.” (BENJAMIN, 1994, p. 205). Alciene Ribeiro ao valer-se da crônica para descrever a história natural do país, centra na reminiscência dos acontecimentos de geração para geração como elo da tradição com o presente, para conferir ao leitor a primazia de transpor tal cenário pela sabedoria, pelo conhecimento, pelo valor de novidade com que os fatos são trazidos à cena. O conto arditamente arquitetado faz o leitor, a cada parágrafo, ser/viver “uma Scherazade, que imagina uma nova história em cada passagem da história” (BENJAMIN, 1994, p. 212) que está lendo e é esta ação que provoca no leitor a compreensão da unidade de sua existência. Para Walter Benjamin “o sujeito só pode ultrapassar o dualismo da interioridade e da exterioridade quando percebe a unidade de toda a sua vida... na corrente vital do seu passado, resumida na reminiscência.” (BENJAMIN, 1994, p. 212).

A ação de ler e de escutar as histórias trazidas pelo narrador faz com que o leitor se depare com as experiências coletivas de um povo e, ao partilhar as vivências rememoradas, apodera-se da matéria narrada, transformando-a em coisa sua. Fatura artística de uma autora que se utiliza da suposta extinção do narrador para evidenciar que o texto literário, tratado como composição comunicativa artesanal, ao priorizar o leitor como coparticipante do narrado, rompe o caráter de ouvinte e propicia



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

uma humanização pelo lido como reflexo do vivido e do sentido. Tal concepção reitera a função da arte literária como vida que vive em nós,

um espaço estético de reinvenção e desestabilização de dogmas e verdades construídas; é um lugar de (des)aprender quem somos e, portanto, um ponto de partida para a inauguração de múltiplas formas de enxergar o mundo e questionar o que nos foi sempre entregue como certo e indubitável (AMORIN, 2022, p. 10).

#### 4 Considerações finais

A leitura e a análise do conto “Paralelas”, de Alciene Ribeiro, propiciaram a compreensão do fazer artístico da escritora que, leitora da tradição oral e moderna do gênero conto, revisita técnicas ao mesmo tempo em que adequa o gênero à expressão literária da contemporaneidade.

A linguagem concisa e alusiva, a sintaxe, a pontuação e o caráter híbrido do conto imprimem um ritmo de ir e vir, que, pela explicitação das cenas pretéritas, faz o presente ser compreendido e, pela rememoração do passado, o presente pulsa como conhecimento latente, oportunizando ao leitor - participe dos fatos narrados - questionar e ampliar o olhar sobre a realidade que configura e caracteriza o país.

As estratégias narrativas concedidas ao narrador exprimem o rigor artístico e literário de Alciene Ribeiro, que, como uma “pescadora singular de momentos”, capta da palavra sua força simbólica e sugestiva para compor a metáfora da dissonância, da fragmentação que configura a existência presente.

O título do conto “Paralelas” é a força metonímica e metafórica que imprime o tom, a cosmovisão e a relação de causa e efeito de que o conto se constituirá para desenrolar o nó narrativo.

As frases curtas e os vocábulos reiterados inquietam e promovem o desvelar do olhar, a compreensão das camadas e da arquitetura textual utilizada pela autora para compor a cena, o quadro pintado da realidade que o circunda e o silencia.

A literatura, constituída por esse universo feito de palavras, revisita os textos antepassados para infundir novos matizes do gênero conto, adequados à representação da vida presente. O verossímil dos fatos presentes imprime à narrativa o surgimento de novas perguntas, como forma de perceber as atrocidades enfermas que se alastram e penetram na sociedade, bem como rastrear os sintomas pecaminosos que a deturpam.

# ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

## Referências

- ADORNO, T. Posição do narrador no romance contemporâneo. In: **Nota de Literatura I**. Tradução de Jorge de Almeida. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2003. p. 55-63
- AMORIN, M. A. de (et al). **Literatura na escola**. São Paulo: Contexto, 2022.
- BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura**. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221.
- CORTÁZAR, J. **Valise de cronópio**. Tradução de Davi Arriguci Jr. e João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- DALCASTAGNÈ, R. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Vinhedo: Editora Horizonte, 2012.
- ECO, U. **Obra Aberta: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas**. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- ECO, U. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- GIARDINELLI, M. **Así se escribe un cuento: historia, preceptiva y las ideas de veinte grandes cuentistas**. Buenos Aires: Capital Intelectual, 2012.
- GINZBURG, J. O narrador na literatura brasileira contemporânea. **Tintas**. Quaderni di letterature iberiche e ibero-americano. Milano, v.2, p 199-221, 2012. Disponível em: < <http://riviste.unimi.it/index.php/tintas/article/view/2790/2999> >. Acesso em: 21 set. 2021.
- HEMINGWAY, E. [Entrevista]. Entrevista concedida a Georg Plimpton. Tradução de Luiza Helena Martins Correia. In: MAFEI, M. (Sel.). **Os escritores: as histórias entrevistas da Paris Review**. Tradução de Alberto Alexandre Martins e prefácio de Sergio Augusto. São Paulo: Cia das Letras, 1988, p. 51-70.
- KELLNER, D. **A cultura da mídia**. Tradução de Ivone Benedetti. Bauru, SP: EDUSC, 2001.
- NAZARIO, J. **Ernest Hemingway**. São Paulo: Ática, 1988.
- PETIT, M. **A arte de ler**. Tradução de Arthur Bueno e Camila Boldrini. São Paulo: Editora 34, 2010.
- POE, E. A. A filosofia da composição. In: BARROSO, I (Org.). **“O Corvo” e suas traduções**. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 2000.
- PIGLIA, R. Teses sobre o conto. In: PIGLIA, R. **Formas Breves**. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2004.
- RIBEIRO, A; RIBEIRO, R. **Brazil 2020**. Uberlândia, MG: Edições Dionysius, 2020.
- ROSENFELD, A. **Texto/contexto**. 5 ed. São Paulo: Perspectiva, 1996.
- SANTIAGO, S. O narrador pós-moderno. In: SANTIAGO, S. **Nas malhas da letra: ensaios**. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.
- VECCHI, R. **Excepção atlântica – pensar a literatura da Guerra Colonial**. Aprofundamento: Lisboa, 2010.